



**PSICANALISTA
PATRÍCIA LINS**

Siga-me nas redes sociais



<http://patricialins.org> | patricialins@patricialins.org

A infância, as novas estruturas e relações familiares

Patrícia Lins de Paula

Psicanalista

Há sempre muitas dúvidas que rondam a educação dos filhos e a forma como lidar com as novidades que surgem: os questionamentos, os conflitos, as discussões, a forma de posicionar-se, as novas relações familiares, as concessões e rejeições, a questão da morte de familiares.

Para todas as perguntas, a resposta sempre é o amor, enquanto ancoragem, amparo, escuta ampliada das necessidades veladas, não ditas, mas profundamente sentidas.

O grande enigma e desafio deste amor profundo, abnegado, devotado é a necessidade de ter que sair de si para ir ao encontro do outro, e suportar corajosamente as ambivalências presentes em todo legítimo afeto. E nem sempre estamos dispostos ou preparados para isso.

Precisamos ter consciência que há um tempo para infância e a infância de nossos tempos é sumamente diferente do que foi a nossa.

É preciso igualmente entender que a família idealizada e o padrão ideal de família que a sociedade busca patologicamente estabelecer, em verdade, não existe na dinâmica natural das relações humanas. Independente do modelo familiar, e considerando nossa



PSICANALISTA
PATRÍCIA LINS

Siga-me nas redes sociais



<http://patricialins.org> | patricialins@patricialins.org

abordagem em torno do amor, talvez o mais relevante não seja o fato, mas como estabelecemos e construímos nossos laços de afetividade.

Na nossa sociedade surgem novos termos: união estável, união homoafetiva, multiparentalidade e logo projetamos sobre a criança todos os nossos medos e inquietações, sendo que a angústia dela é, não raro, uma transmissão das impressões subjetivas de suas figuras parentais.

Organizando os pais, organizamos os filhos.

Neste panorama, surgem os filhos de pais separados, os filhos criados apenas pela mãe, ou apenas pelo pai, os filhos de casais de homens e de casais de mulheres.

É preciso ampliar o olhar para o fato que o *paternar* e *maternar* não dependem da orientação sexual, nem do sexo biológico. Amar é predisposição natural humana.

O discurso psicanalítico, portanto, não obedece a nenhum padrão de normalidade, mas depende unicamente da escuta clínica, porquanto entende que a causa de sofrimento é investigada quando estamos atentos àquele que sofre.

Outra questão gira em torno do divórcio; a separação de corpos muito raramente é causa básica do sofrimento dos filhos; qualquer rompimento afetivo ainda que consensual é traumático, mas quase sempre, para os filhos, o abandono dói mais.

As crianças órfãs de pais vivos são aquelas cujos pais não se responsabilizam em dar-lhes limites, orientação e amor.



PSICANALISTA
PATRÍCIA LINS

Siga-me nas redes sociais



<http://patricialins.org> | patricialins@patricialins.org

É o acolhimento e também a negação que ensina a criação de hábitos e visa estimular a criança a desenvolver recursos psíquicos para lidar com a insatisfação sem insubordinação.

A família é um ensaio para os laços sociais, que precisam, necessariamente, se estender além dos contornos familiares, na relação fraternal.

Grosso modo, a monoparentalidade é prejudicial, pois tanto a função materna quanto a paterna são importantes e não suficientes isoladamente, mas sempre funcionam de acordo com uma dialética ou dinâmica própria. Quando isso não funciona de modo equilibrado, gera na criança o efeito da solidão.

É importante refletir sobre quem cuida da criança; o olhar do cuidador sobre a criança deve, em um só tempo, ser amoroso e responsável.

Sobre lidar com a questão da morte de familiares, é indispensável para a formação psíquica da criança de modo saudável, naturalizar a perda do objeto de amor, fazendo-a participar dos processos, a fim de que não se sinta sozinha e desamparada em sua dor.

Todos, sobretudo adultos, precisamos encarar a morte como parte da vida, e sempre utilizar da verdade para a criança, com linguagem acessível, e em doses adequadas, para que ela também possa assimilar e contentar-se com o processo natural da vida.